

Entrevista a António Machado Pires por João Paulo Pereira da Silva

Citação: "Entrevista a António Machado Pires", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 3 (2005). ISSN 1645-958X

<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/e-topia/revista.htm>

Encontrei-me pela primeira vez com o Professor Doutor António Machado Pires no final de Outubro de 1984, dois dias após a minha chegada a Ponta Delgada e, mais precisamente, na minha primeira manhã de trabalho, enquanto assistente estagiário do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade dos Açores. Tratou-se de uma autêntica visita guiada pelo *campus* de Ponta Delgada, conduzida pela coordenadora do Departamento, a Professora Doutora Conceição Vilhena, que terminaria com um primeiro encontro com o Professor Machado Pires (então o mais jovem reitor no conjunto de todas as universidades portuguesas).

Recordo-me que, ao longo dos meus oito anos de permanência naquela universidade, o Professor Machado Pires, apesar do carácter árduo e extremamente absorvente das suas tarefas enquanto Reitor e não obstante a extrema responsabilidade inerente a tal cargo, nunca deixou de participar activamente na vida do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas, de que era membro, nomeadamente através do exercício da docência, da orientação de teses e trabalhos científicos e empenhando-se em participar ou colaborar na maior parte das reuniões científicas e actividades de extensão cultural nele organizadas.

Deixando, todavia, de lado as recordações de natureza pessoal, propomo-nos efectuar uma breve apresentação do nosso entrevistado, para aqueles que eventualmente não conheçam o seu percurso biográfico e académico.

O Professor Machado Pires licenciou-se em Filologia Românica na Universidade de Lisboa, em 1966, instituição onde viria, algum tempo depois, a desempenhar as funções de Assistente de Vitorino Nemésio e Jacinto do Prado Coelho. Em meados dos anos setenta foi convidado a colaborar na instalação do recém-criado Instituto Universitário dos Açores (actual Universidade), onde se doutorou em 1979 com a dissertação *A Ideia de Decadência na Geração de 70*. Contribuiu paralelamente para a planificação e fundação do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas, do qual foi por duas vezes coordenador e onde exerce desde então a docência. Juntamente com o Professor Teodoro de Matos foi ainda responsável pelo lançamento da revista *Arquipélago*. Entre os anos de 1983 e 1995 exerceu as funções de Reitor da Universidade dos Açores.

Para além da sua dissertação de Doutoramento, a que aludimos anteriormente, citaremos entre outros trabalhos por ele publicados os volumes: *D. Sebastião e o Encoberto* (1971), *O Século XIX, Cronologia e Quadro de Gerações* (1975), *Raul Brandão e Vitorino Nemésio* (1988) e *Vitorino Nemésio, Rouxinol e Mocho* (1998). São igualmente numerosos os escritos que tem vindo a publicar sobre Oliveira Martins, Eça de Queirós e a literatura portuguesa finissecular, ou até mesmo sobre Fernando Pessoa.

A recente participação do Professor Machado Pires numa das sessões do colóquio interdisciplinar *Saberes Partilhados – O espaço da Utopia na Cultura Portuguesa* (a 19 de Abril do corrente ano, na Universidade Nova de Lisboa) deu-nos a oportunidade de o revermos e reencontrarmos, 13 anos após o nosso regresso ao Continente. A conferência proferida pelo nosso entrevistado nessa sessão, subordinada ao tema *O Sebastianismo como Utopia*, teve como título *D. Miguel e D. Sebastião*.

A entrevista que agora se publica surge, de algum modo, na sequência da sua palestra e do debate que em seguida suscitou, e colhe inspiração nalgumas das questões que na ocasião foram colocadas pelo público e demais participantes, tendo precisamente como tema "A Utopia Sebastianista".

Será o Sebastianismo a utopia de um Povo infeliz e secularmente oprimido (pela Coroa, pela Igreja, pelo Estado, por ditadores, por potências estrangeiras, potentados económicos, etc.), mas igualmente pouco ou nada habituado a ser dono do seu próprio destino e que se sente eternamente órfão de um líder iluminado, que o encaminhe, num futuro mais ou menos distante, para um horizonte de glória?

A. Machado Pires: A questão, tal como está posta, é pertinente e muito "pedagógica". Creio que é entre esses dois pólos – Povo oprimido, mas também Povo nada habituado a ser dono do seu Destino com disciplina e trabalho – que se pode formular uma resposta: utopia como reacção a opressões diversas, mas também uma tendência estrutural e estruturante, que o leva a gostar de carismas, auras míticas,

destinos de missão, promessas, milagres, salvações espectaculares. Um Povo (generoso mas imprevidente?!) que pensa mais com o coração do que com a cabeça... Só a verdadeira cultura e a educação darão mais autoconfiança colectiva.

O Sebastianismo será um mito de decadência ou de regeneração (ou será simultaneamente as duas coisas)?

A. Machado Pires: Simultaneamente as duas coisas! Na decadência (p. ex. na perda da independência) veio à superfície essa resposta patriótica do subconsciente colectivo. Queria-se D. Sebastião (mesmo com os defeitos todos...) porque ele era o *nosso* Rei, o garante da independência, a “saída” segura. O sebastianismo *sui generis* da *Mensagem* de Fernando Pessoa também é fortemente anti-decadência (Nevoeiro... “É a hora...”), assim como o de Pascoaes, que o precedeu. Mas é uma esperança de tipo regenerativo; e a própria Regeneração (já séc. XIX) foi encarada sebastianicamente (“o messianismo ingénito da alma portuguesa”, diz sobre ele Oliveira Martins no *Portugal Contemporâneo* em 1881).

De resto, os mitos messiânicos são sempre, em alguma faceta, mitos de “regeneração total”, a uma redenção, ao mundo sem males, ao império universal, ao “mundo sem erronia”, como já se lê em Bandarra (*Trovas*, meados do séc. XVI).

Em suma: duas coisas, ou duas faces da mesma coisa: sintoma de decadência e força anti-decadência; passado e futuro, Portugal havido, Portugal a haver...

Concorda com a afirmação de alguns autores (nomeadamente Lúcio de Azevedo e Oliveira Martins e, em certa medida, o próprio Joel Serrão) de que a vitória do liberalismo e do capitalismo burguês e a consequente queda do antigo regime em Portugal implicaram a efectiva extinção da crença e do mito sebásticos?

A. Machado Pires: Extinção não! Deixou de se pensar no sentimento ingénuo de nível popular, na “igrejola pateta dos sebastianistas ortodoxos” (como diz António Sérgio), nos videntes do Alto de Santa Catarina, na manhã de nevoeiro, na “ridícula seita” (José Agostinho de Macedo, *Os Sebastianistas*, 1810), mas o sebastianismo entra para o domínio culturológico com muita força e até é parte ou face importante no genial *Frei Luís de Sousa* de Garrett; o que mudou foi a forma como é pensado e o que se pensa fazer com ele.

Joel Serrão em *Do Sebastianismo ao Socialismo* (Lisboa, Horizonte, 1983, pp. 31-32) deixa em aberto esta questão, não encontrando uma explicação efectiva e satisfatória para a mesma: "Porém, ainda, o veio sebastianista é um dos filões quase permanentes da literatura portuguesa contemporânea... E como explicar esta sobrevivência literária, mental e cultural numa sociedade que, apesar de tudo, teria ultrapassado e enterrado o mito sebástico?" (*idem*, p. 32).

Como poderemos explicar a emergência cíclica no inconsciente cultural português, em períodos de crise, de viragem ou de profunda mutação, do mito sebástico (ou de tendências messiânicas que com ele se confundem)? Como poderemos entender o aparecimento, nesses precisos momentos, de figuras providenciais, de dirigentes políticos, de chefes militares, iluminados, carismáticos ou visionários (com os seus projectos políticos de contornos ideológicos utópicos e messiânicos), aparentemente capazes de redimir a nação e de a fazer regressar aos esplendores perdidos de um passado histórico distante?

A. Machado Pires: A interpretação sociológica do sebastianismo feita por Joel Serrão no citado *Do Sebastianismo ao Socialismo* (já nos anos 60...) é importante, fundamental nas teorizações sobre o sebastianismo. Mas não creio que se possa dizer tão redondamente que o Liberalismo foi o “enterro do mito sebástico” Uma coisa é a crença popular, outra coisa a mitogenia como força impulsionadora do pensamento e da arte (incluindo a literatura, claro). Os portugueses gostam de mitos; não os enterram, glosam-nos, desenvolvem-nos. Ourique, auras míticas à volta de figuras históricas (Afonso Henriques, Sta Isabel, Inês de Castro, Infante D. Henrique, Camões, D. Miguel, Sidónio Pais, até Catarina Eufémia, “mito de resistência”), em finalmente aponte-se o maior e mais elaborado: D. Sebastião, o Sebastianismo.

A cultura portuguesa é uma cultura de afirmação por oposição, por “resistência” (a Castela, a Espanha), D. Sebastião é um símbolo. O D. Sebastião do mito é diferente do D. Sebastião da História, do jovem rei caprichoso e com os seus erros políticos e militares. O patriotismo e a “resistência” fizeram o resto. “Enquanto escravos de Filipe, ovelhas seremos de D. Sebastião” (Natália Correia, *O Encoberto*): “ovelhas” aqui é termo simbólico religioso, ovelhas da “religião do Encoberto” (desta religião falou mesmo Afonso Lopes Vieira).

Cada vez que a crise se agudiza, toca o sino e sonha-se com um salvador...

Se o Sebastianismo e os sebastianistas se extinguiram definitivamente, porque é que alguns sectores da população portuguesa entrevêm, quase de imediato, nesses líderes messiânicos e iluminados, autênticos avatares de D. Sebastião.

A. Machado Pires: Sebastianistas e sebastianismo não se extinguiram: mudaram de estatuto, de crença popular passaram a pensamento “revelador” e impulsionador, pretexto de teoria da história e de arte... Passaram a justificar “moldes” para inserir “salvadores” em cada crise (António Sérgio) - chefes, caudilhos, “ismos” (socialismo sem classes, p. ex.), votações, subsídios europeus. Até a lotaria. Nesta hora de crise, Portugal não é o país que mais compra: o Euromilhões?!

O direito à esperança é universal, mas parece que a esperança colectiva portuguesa é sempre corporizável, uma espécie de El Dorado do espírito colectivo, à espera de que ALGUÉM (do Estado-Providência) trabalhe por nós e traga melhor vida. Que por nós ficamos à espera... E por via de regra gosta-se de um “chefe que mande”, como se pedia já no tempo de Bandarra, quando ainda não se falava de democracia...

De acordo com certo número de autores, com o desfecho das Invasões Francesas, segundo outros, com o triunfo do liberalismo em 1834, o sebastianismo evolui de crença, ideologia, religião ou fé para simples tema literário. Terá a aparente apropriação do mito por parte de poetas (desde Garrett até Fernando Pessoa, passando pela Renascença Portuguesa) sido, de facto, determinante para uma aparente sobrevivência do mito no nosso imaginário colectivo e no inconsciente cultural português, ao longo dos séculos XIX e XX e até à actualidade?

A. Machado Pires: A via literária e a via historiológica (escritores., historiadores e filósofos) não faltam, de facto, do séc. XIX para cá. Reforçaram a atenção e alimentaram o pensamento sobre o *modo de ser* português.

Mas o fatal “amanhã veremos” (Garrett, *O Arco de Santana*) e o *procrastinare lusitanum est* (Eça, *A Ilustre Casa de Ramires*) parecem fazer parte mais profundamente dos modos habituais de reagir e viver o quotidiano. Não se vê agora como vamos discutindo par aí fora –“amanhã veremos se...” – a oportunidade e a relevância do aeroporto da Ota e o TGV?!... Sebastianicamente olhados... ou não?

O Senhor Professor considerou há alguns meses na conferência intitulada "D. Miguel e D. Sebastião", proferida na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL, que "às mitógenias de tipo sebástico" (de que é exemplo o Miguelismo) subjaz inevitavelmente uma "clivagem ideológica entre tradição e modernidade", entre "o conservadorismo providencialista" e os "ímpetus revolucionários da modernidade". Será que esta clivagem ideológica e este conflito continuaram vivos na sociedade portuguesa até aos nossos dias (salvaguardando a distância temporal e as especificidades contextuais)?

A. Machado Pires: Penso que sim, embora com a transformação dos tempos. A clivagem ou dialéctica Filósofos / Defensores do Trono e do Altar, Revolucionários conservadores, “pedreiros” /Apostólicos da Rainha continua-se mitigadamente na tendencial bi-polarização da vida ideológico-partidária portuguesa.

Vintismo, Cartismo, Setembrismo, Cabralismo, Maria da Fonte, Regeneração, rotativismo, monárquicos e República, integralismo, Estado Novo, 25 de Abril e sequelas, até se assentar em formações ideológico-partidárias sem receios de conotações (à esquerda ou à direita) – eis um percurso turbulento de choques entre formas de entender Tradição e Modernidade. D. Sebastião nem a democracia, sozinhos, sem culto de competência e disciplina de deveres de Estado, não resolvem tudo...

Citando António José Saraiva (*Para a História da Cultura em Portugal*, Lisboa, Europa-América, 1961, p. 253), Martim de Albuquerque, no seu artigo "O Valor Politológico do Sebastianismo" (*Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. VIII, Paris, FCG, 1974, p. 266), afirma: "Falou-se já de um sebastianismo vermelho, de cariz jacobino-republicano por referência a Junqueiro e num sebastianismo branco, patriótico tradicionalista em relação a Malheiro Dias (...)". Concorde com este tipo de classificações e de tentativas de exploração do fenómeno sebastianista numa óptica politológica?

A. Machado Pires: Sinceramente, não concordo nem discordo por completo. Reconheço que as vicissitudes e tendências ideológicas e políticas do séc. XIX para cá permitem esse tipo de leitura. Junqueiro é um republicano exaltado e idealista patriótico à sua maneira, um escritor torrencial e afectivo, que vê tudo com paixão e bastante radicalismo (republicano). As sua Anotações (prosa) ao

poema *Pátria* (1896) são exemplo disso. Essa nova alma viria como grito – em vez de *lama*, uma troca de letras, *alma!* – grito republicano necessário. A República (de inspiração francesa e esquerda assumida) é a solução (daí vermelho, jacobino, republicano). Malheiro Dias é também um idealista à sua maneira, um patriota que, na *Exortação da Mocidade*, aponta o exemplo do idealismo de D. Sebastião à juventude... A polémica sebástica ou Questão do Desejado (1924) é exemplo das exaltações racionalistas e idealistas e pedra de toque na interpretação do sebastianismo perante o ser português

Eis a fecundidade do tema: ele reflecte ideologias, teorias da história, impulsiona artista e poetas, serve também de “medida” acerca da expectativa colectiva no quotidiano – “vermelho” ou “branco”, é um tema fundamental da Cultura Portuguesa.